

“Camalotes e Guavirais” – Por que este livro agrada?

JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES – escritor, fundador da ASL, *Cadeira nº 11*

Não é fácil explicar por que um livro agrada. Os leitores geralmente proclamam: “Gostei muito”, “que livro!”, “o estilo é notável”, “vou lê-lo de novo”. A incapacidade de que são geralmente dotadas as palavras para exprimirem o pensamento nesses instantes comparece de maneira inexorável, já que aquelas expressões, pela natural evolução da linguagem, não revelam mais nada, não conseguem prospectar conteúdo algum.

Autores que se preocupam com o problema, tais como E. M. Forster, Edwin Muir e Tzvetan Todorov, procuraram desvendar as razões do sucesso de determinadas obras literárias, o mistério, o fermento de eternidade que as animam. Forster, em seu compêndio “Aspectos do Romance”, acentua que “O Morro dos Ventos Uivantes” conseguiu encantar gerações, tornando-se um clássico da literatura – justamente por que sua autora, Emily Brontë, ao tecer o enredo do livro, “dispôs as famílias Linton e Earnshaw simetricamente”. Quer dizer: não se contentou a autora com o simples favor episódico, com o factual, não se preocupou tão somente em narrar uma história. Deu ao romance uma encarnadura, numa atmosfera de caos, de tempestade, até de confusão, porque sabia a notável romancista que “o que está implícito é mais importante que o que está dito”.

Escritores, principalmente os que recriam a vida com intensidade, como o poeta e o ficcionista, conhecem e adivinham essas coisas, por intuição ou por uma “simpatia essencial”, aquela que o crítico francês exige para a compreensão da obra de Leon Bloy. Por isso, Jorge Luiz Borges, o maior contista da América, na atualidade, celebrado em toda a Europa,



Capa original do livro de Ulysses Serra

“Talvez Ulysses Serra não tivesse alcançado aquele estágio de revelação, pelo qual pudesse pressentir o destino de sua obra literária”

uma glória das letras argentinas, afirmou de uma feita que muitas vezes não gostamos do que escrevemos, rasgamos os pré-originais, e quase sempre isso acontece com o primeiro livro. O nosso Visconde de Taunay, logo após

escrever seu primoroso romance “Inocência”, acentuou que sentia a sorte de seu livro, profetizando o destino do romance, que teria longa vida e aceitação.

Aqui na província, longe da explosão demográfica e da saturação emocional dos aglomerados urbanos, podemos, sem dificuldade, localizar um pequeno livro, grande em sua beleza lírica, contagiante por conter em si aquele fermento a que nos referimos no início, e que se intitula “Camalotes e Guavirais”. Talvez seu autor, o inesquecível Ulysses Serra, em sua modéstia, e por ter partido tão cedo, não tivesse alcançado aquele estágio de impregnante revelação, pelo qual pudesse pressentir o destino de sua obra literária. Não sei. A verdade é que sua coletânea de crônicas, para os que a leram, deixa na alma aquele frêmito de comunicação, aquele “algo mais” que se esconde atrás dos bastidores das palavras, e pelo qual se identifica não um homem que escreve bem, tão somente, mas um autor que recria o mundo, com suas realidades e irrealidades, com seus entrecosques de paixões cotidianas, que quase sempre não sabemos explicar bem, embora as sintamos com toda a intensidade.

Basta que o leitor de “Camalotes e Guavirais” procure, em suas páginas, as crônicas “Árvores da Cidade” e “Maria Bolacha” para sentir o que acabamos de dizer até aqui. Entrará em contato com o território ulyssiano, em que o lirismo se tece com fibras sutis, denunciadoras daquela face oculta das coisas, de modo a pôr a linguagem a serviço dessa revelação. Não é à toa que as árvores fazem “um revide”, ação que não é própria delas, e, em “Maria Bolacha”, o autor descobriu o “convívio das calçadas” e o “direito às ruas”, para advogar o “status” de sua biografada. Eis por que as crônicas de Ulysses Serra encantam!

Rússia x Ucrânia

OSWALDO BARBOSA DE ALMEIDA – *Cadeira nº 3 da ASL*

Como todos sabem, o leste europeu está em guerra, mais precisamente a Rússia contra a Ucrânia, reacendendo a eterna rivalidade entre esses dois países da Ásia e Europa Oriental, pela opressão da primeira sobre a segunda ao longo da História. O litígio não dá sinais de um final próximo.

A Ucrânia pertenceu ao Império Russo entre os séculos XVIII e XX, após integrar a comunidade Polaco-Lituana, a partir de 1569, e de fazer parte do grão-ducado da Lituânia. Mas, antes disso ainda, as terras ucranianas situavam-se no coração da Rus Kievana, um estado medieval do século IX (Anne Applebaum, “A Fome Vermelha”, ed. Record, 2019).

Há uma longa história de lutas em disputa pelo território ucraniano, tendo a Rússia como um dos principais inimigos de sua independência. Sob o domínio da Rússia Soviética, instaurada com a Revolução de 1917, que herdara o território ucraniano do Império Russo então comandado pelo Czar Nicolau III, a Ucrânia foi sacudida por intensas lutas pela independência nesse mesmo ano de 1917 e, em 9 de janeiro de 1918, proclamou-se livre.

Mas, isso durou pouco: ainda em janeiro de 1918, Lenin autorizou o primeiro ataque à Ucrânia, numa tentativa que fracassou devido à interferência de exércitos alemães e austríacos, visando garantir o tratado de paz que também esses países haviam assinado. Mas, na própria Ucrânia havia partidários que defendiam o país como sendo parte da Rússia, e isso motivou muitas rebeliões e ataques à independência. Parte da população falava a língua russa, e outra parte a ucraniana.

Em suma, a Rússia, direta ou indiretamente, sempre dominou a Ucrânia, que considerava parte de seu território. Algum tempo depois da independência declarada em 1918, passou a fazer parte da União Soviética,

até que, sob Stálin, sucessor de Lenin, perdeu na prática essa independência. Como havia constantes movimentos por uma independência de verdade, Stálin usou a força para impor o domínio russo. Uma providência que adotou foi a eliminação do campesinato, de onde brotava grande resistência aos russos, fazendo isso com a coletivização total da propriedade rural e requisitando toda a produção. Impôs o mesmo também na Rússia, o que resultou no alastramento da fome, provocando a morte de mais de 5 milhões de pessoas em toda a União Soviética. Na Ucrânia, foram mais de 3 milhões de mortos no período de 1931 a 1933.

A narrativa contida no livro a que me referi acima, de Anne Applebaum, professora e colunista de grandes jornais, como o *Washington Post*, e autora de vários livros premiados, chega a ser chocante: é documentada com fotos de pessoas famintas ou mortas de fome pelas ruas e estradas do país, com publicações na imprensa e documentos atestando a barbárie, etc.

Depois da sovietação completa da Ucrânia, ela só veio a conquistar a independência total em 1991, com o colapso e o fim da União Soviética. Porém, como vimos nos tempos mais recentes, o ora detentor do poder na Rússia, o longo presidente Vladimir Putin, saudosista dos tempos da ditadura comunista, que dominava quase todo o leste europeu, nunca se conformou com o esfacelamento do poderoso império soviético, sonhando com o retorno do poder que dominava aquele grande território, nunca perdeu de vista a Ucrânia, atacando-a em 2014 e anexando à Rússia uma de suas províncias, a Crimeia.

Depois de um acordo de paz avaliado por potências ocidentais, aquietou-se desde então, para voltar a atacar militarmente o país vizinho em fevereiro deste ano, sob justificativas estapafúrdias, parecendo decidido a destruí-lo completamente, como informa diariamente a imprensa livre do Ocidente.

+POESIAS

Mundo Pequeno I

O mundo meu é pequeno, Senhor.
Tem um rio e um pouco de árvores.
Nossa casa foi feita de costas para o rio.
Formigas recortam roseiras da avó.
Nos fundos do quintal há um menino
e suas latas maravilhosas.
Todas as coisas deste lugar
já estão comprometidas com aves.
Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco,
os besouros pensam que estão no incêndio.
Quando o rio está começando um peixe,
Ele me coisa... Ele me rã.
Ele me árvore.
De tarde um velho tocará sua flauta
para inverter os ocasos.

MANOEL DE BARROS

Luar no Rio Paraguai

É noite. Há muito o sol,
Deitando no horizonte, levou seus fulgores
E o céu de anil tingiu das mais diversas cores.
Tudo na sombra se envolveu e agora...
Da lua a claridade embaciada e fria
Imprime em tudo um tom de nostalgia.
Luz e sombra!... o sombrio da mata...
As ondas do rio debruadas de prata...
Fecho o meu caderno, contemplo a natureza.
Descrevê-la não posso, não me sinto capaz:
Meu lápis já não corre,
Não posso escrever mais!

OLIVA ENCISO

Nosso amor

Receba minhas trêmulas mãos
com a ternura dantes tão sonhada
Vamos reviver a glória
do sentimento que resiste ao passado
Não é saudade... Pois estamos vivos
Na luz e no calor dos nossos corpos
Na candura cintilante em nossas almas
Quando eu quero e você quer
O mistério se faz encanto
Na alegria do sentir
Dançamos valsas e boleros
Nosso amor não é quimera
É fogo ardente em nosso peito
Paixão que se resolve em nosso leito.

GUIMARÃES ROCHA

Baú do tempo

Coisa antiga tem cara de pó.
Amarelada,
velha,
carcomida,
de estrada sem volta,
sem partida
no tempo dormido...
E só.

ELIZABETH FONSECA

Haicais

1 – cristais oitavados
em lustres suspensos
lágrimas diáfanas

2 – artista produz
não o que vê,
mas o que crê

3 – a joia mais bela
nasce primeiro no olhar
depois, no metal

ILEIDES MULLER

Poetas benditos

Os poetas,
Benditos,
Penetram no silêncio absoluto,
Cavam o tesouro dos dicionários,
O celeiro das almas,
A perpetuidade dos mitos.

RAQUEL NAVEIRA

Delírio

HÉLIO SEREJO (1912-2007) – pertenceu à ASL

Um malveio de repente, após o banho na água corrente, e com incrível violência. Estava acobardado, profundamente abatido, pois cansara o cavalo e não conseguira – tal como prometera ao patrão – trazer para o aparte o lote de gado que se abagualara, e que tinha “maidão” no campestre, entre o juntar das duas pontas de mata.

Muito estropiado, corpo cortado pela “navalha-de-macaco”, sentindo um fogo na espinha, pernas guenzas, caiu n’água, para logo ser sacudido por aquele estranho tremor. Uma hora depois delirava! A febre comia-lhe por dentro.

Ofendido em seu orgulho de campeiro, no auge do delírio, falava desconexadamente, e repontava a tropa, e gritava, esporeando o cavalo, retesando e soltando os braços para que o relho, na curvatura, descesse, pesado e cortante. De quando em quando, se aquietava, parecendo volver os olhos vítreos para um passado distante, para penetrar numa espécie de torpor e sonhar...

Possivelmente, vinha fustigar-lhe o rosto em fogo, tângido pelo vento das recordações, a polvadeira da saudade... O peito se lhe arfa. Aboia o gado. Açula o cachorro. Grita. Tenta se levantar. Mas cai, ali mesmo, sobre a beirada do catre.

Um campeiro cafuz, que fracassara numa volteada e não pudera cumprir a promessa de fechar as reses tresmalhadas no mangueiro. Daí, então, o esforço desesperado, o corpo em frangalhos, que não resistira à brutalidade da lida, à volta com o tormento do fracasso na ideia, o banho, o tremor de frio pelo corpo todo, aquela quentura na cabeça e... a febre terrificante, a garganta seca, a sufocação, o delírio...

Queda ali, sem forças... é um corpo quase sem vida. Está rodeado dos amigos e familiares. Às vezes, soergue os braços, parecendo querer atirar a rodilha do seu grande laço campeiro. Ao se enfermar, ainda lícido, falou ao companheiro de galpão: – O patrão mandou o Bugre, meu inimigo, procurar o gado alongado... o infeliz talvez tenha sorte e ache... as reses virão para o mangueiro, ele ficará orgulhoso, e sairá, de porta em porta, dizendo à peonada toda que eu estou velho, que não presto mais, que ronda de “maidão” é para campeiro esperto, de presença de espírito, malicioso... que não dorme sentado nos arreios.

Concluiu, por fim, amaçarocando as palavras: – O peste vai dizer tudo isso!... Silenciou, esgazecendo os olhos. Parecia ouvir, na canhada, o tropel dos xucros... Sorri... um sorriso de desprezo; por dentro, entretanto, a mágoa ia lhe matando, porque fracasso de campeiro é chufa para o resto da vida, tormento que não tem mais fim, é pialo fatal para a desmoralização. Num repente, acossado pelo delírio, senta-se no catre trançado, e grita como um possesso: – Abre a porteira Tião! Tá o gado, patrão! Ninguém vai se ri de mim! Nesse momento, assoviando, estraladando o relho, o Bugre fechava, na mangueira, a tropilha crioula. O enfermo sorri novamente. Parecia ouvir, na canhada, o tropel dos xucros!